

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 344

Data: 27.01.77

Pg.:

Líder xavante apresenta queixa em vão na Funai e faz gravação

JOB - 27.1.77

Brasília — O chefe xavante Mário Juruna, que está em Brasília desde segunda-feira pedindo ajuda às autoridades para a comunidade indígena Nomucurá, em Barra do Garça, Mato Grosso, tentou em vão ser recebido ontem pelo Presidente Geisel no Palácio do Planalto, onde chegou às 8 horas. Somente às 16h30m é que foi atendido pelo Sr Raul Mesquita, funcionário da Assessoria de Relações Públicas (ARP).

O documento de identificação de Mário Juruna, dado pela Funai e assinado pelo General Ismart de Oliveira, diz "tratar-se de pessoa responsável, que exerce positiva liderança em sua aldeia estando, portanto, credenciado a viajar pelo país, na qualidade de líder de sua comunidade".

Gravação

Depois de conversar durante 10 minutos com o funcionário da ARP, Juruna disse aos jornalistas que havia "perdido tempo", pois acreditava que ele não tinha autoridade para solucionar seus problemas. "Ele me disse que vai levar minhas reclamações aos superiores". A conversa foi toda gravada pelo xavante, que concordou em emprestar a fita aos jornalistas credenciados no Palácio do Planalto.

Nela havia também gravação do encontro entre o índio e o Sr Francelis van Der Broecke — exonerado ontem do cargo de diretor do Departamento-Geral de Operações (DGO), da Funai — realizado segunda-feira, na sede da Fundação.

Carro para índio

Com o Sr Van Der Broecke, o xavante Mário Juruna teve momentos de irritação, ao ouvir afirmação de que o Ministro do Interior, Sr Rangel Reis, tem trabalhado para dar condições de trabalho ao índio a fim de que ele possa comprar carro.

Broecke — A Funai está procurando dar condições a vocês para que possam ser auto-suficientes, para vocês terem dinheiro, viver melhor suas vidas. E você está falando contra o Ministro. O que ele quer é dar melhores condições de vida a vocês.

Juruna — Que que tem o Ministro?

Broecke — Está arrumando dinheiro para fazer um Projeto dos Xavantes, para vocês viverem melhor do que estão. E você fica falando bobagem.

Juruna — Eu estou falando bobagem?

Broecke — Você falou bobagem. Você disse que o Ministro não entende de índio.

Juruna — Mas ele não entende mesmo. É ignorante. O Ministro não tem capacidade para resolver isso. Ele tem que conhecer os costumes dos índios. Ai ele vai ver depois porque a gente quer morar aqui.

Broecke — Ele conhece, rapaz. Ele quer dar condições para vocês poderem trabalhar e poder comprar seus carros, as tuas coisas e você não entendeu isso.

Juruna — Como não entendeu? É mesma coisa que gente matar índio. Mata e daqui a 20 anos vão tomar conta de índio. Então é mesma coisa de gente matar índio. Não é índio não tem capacidade de compreender todo aquele costume de branco.

Broecke — Olha, rapaz. O Ministro é um homem bom. Ele quer ajudar vocês porque eu conheço ele há muito tempo. É a mesma coisa que dizer: "O Broecke está contra mim". Você acha que eu estou contra vocês? Você acha que eu estou contra os índios? Você não acha que eu quero ajudar os índios não?

Juruna — Eu não sei nada, não. Sei que está preparando.

Broecke — Estou perguntando. Você acha que eu não quero ajudar os índios?

Juruna — Isso não depende de mim, depende do senhor. Se o senhor quer ajudar índio, pra mim não tem problema. Se o senhor não quer ajudar índio, então vamos criar problema. Por que eu quero que a Funai proteja mais o índio. Quero dar assistência para o índio, quero ajudar índio, quero melhorar vida do índio. Então quero isso. Porque eu sei tudo de índio.

Broecke — Eu não estou ajudando não?

Juruna — Como o senhor está ajudando?

Broecke — Arrumando as coisas para mandar lá para vocês, fazendo projeto para melhorar vocês. Dessa maneira que eu estou ajudando. Arrumando dinheiro para vocês comprar trator, comprar semente para plantar melhor, para vocês terem melhor produção. Aquilo tudo que nós falamos aqui.

Juruna — Pois é, naquele dia nós tínhamos combinado tudo, mas eu corri para cima falando com outras pessoas para poder conseguir algum trator e a gente esperando, pedindo a Funai, então só tem promessa. Então a gente quer cobrar promessa e vem mais promessa. Então eu fico bravo com isso, porque a gente quer acreditar na palavra de homem, e o senhor é homem muito mais que eu, porque o senhor é diretor daqui. Mas em qualquer lugar eu sou mais do que gente que manda na cidade. Eu sou mais responsável, eu sou autoridade dentro da comunidade, por isso eu tenho direito, tenho capacidade para falar isso.

Broecke — Eu sei disso. Sei também que você falou que o Ministro não entendia de índio, quando ele entende. Ele está lá para ajudar vocês, não está contra vocês. E pelo que li nos jornais você dizia que o Ministro não entendia de índio, não sabia de nada. Ele entende, sim. Ele está me ajudando aqui para eu poder ajudar vocês.

Juruna — Eu quero que Funai ajuda índio, quero que Funai bota escola, levanta hospital de saúde, ensina pra índio pra entender as coisas necessárias. A Funai foi feita pra isso, não é Fundação Nacional do Funcionário. Então a Funai tem que ajudar mais índios e o Ministro tem que ver tudo que está faltando pra índio, tem que ver tudo problema do índio, o que tá faltando pra ele. As vezes o Ministro pode falar: "Vamos integrar logo o índio para ele poder civilizar". Então isso não é justo, porque o índio não entende na hora.

Broecke — Para que você está gravando isso aí? Para que? Vamos deixar de papo, vamos conversar direitinho. Por que eu estou aqui para conversar direito com você, para fazer as coisas que devem ser feitas. Você vem aqui conversar comigo, eu digo a verdade para você, então não precisa esse negócio de gravar. É papo furado.

Juruna — Não é papo furado. Eu tenho que gravar tudo. O que você fala, o que o Ministro fala, o que o Presidente fala.

Broecke — Já cansei de dizer a você. Eu só tenho uma fala com você. Nós vamos aqui fazer as coisas para te ajudar, desde que você ajude a gente. Para mim te ajudar, você precisa me ajudar, disciplinando seu pessoal para trabalhar. Você vai trabalhar para você, não é para mim. É para ajudar sua comunidade. Você tem que pensar o seguinte: Há um entendimento errado. Achar que o índio trabalha para a Funai. Não é para a Funai não. Trabalha para ele mesmo, para ele comer. Agora, quem vai plantar é você, porque eu não vou trabalhar para você. Eu dou orientação. Apenas digo como devem ser feitas as coisas. Agora, você tem seus irmãos que trabalham, eu não tenho dinheiro para comprar bala (munição) para vocês. Só tenho dinheiro para medicamentos, sementes.

Juruna — Porque não tem dinheiro?

Broecke — Porque uma bala calibre 38 custa Cr\$ 8. Se você for

matar caça a bala, até você acertar na caça você desperdiça um dinheiro danado. Então, vamos criar gado. Pra que você vai matar um veado que não dá para coisa nenhuma? Mata um veado, uma anta, não dá para nada. Então vamos criar porco, galinha, que você tem carne para comer.

Juruna — Pois é. E por que gente ensina aima pra índio também? Depois a gente acostuma.

Broecke — Eu já cansei de dizer para você, pro Aniceto, pro Cipriano, pro Humberto. Eu não tenho dinheiro para comprar bala.

Juruna — Por quê?

Broecke — Porque não tenho. Então você vai ao Presidente e pede para ele para a Funai comprar arma para o índio. Bala é para destruir coisas.

Juruna — Então acaba com a fábrica. Se não pode ter bala pra cidade, não pode ter bala, pra índio. Então é melhor acabar.

Broecke — Isso aí eu não acho certo. Está proibido pelo Exército vender bala, você diz que pode.

Juruna — Eu quero saber se Funai está com medo, se índio está atirando em alguém.

Broecke — Arma na sua mão só vai criar problema. Vem um branco sem-vergonha, ai fica nervoso, puxa uma arma, e se você estiver com arma você mata ele.

Juruna — E mata mesmo. E não é justo defender?

Broecke — Não é justo não, porque tem a polícia para cuidar disso.

Juruna — E já prenderam o João Mineiro? Não existe Justiça. Só existe Justiça para prender gente pobre.

Broecke — Não vem com esse papo não. Você está mal orientado. Alguém está conversando com você, errado. A Polícia existe para prender todo mundo que está errado.

Juruna — Eu não sou filho de ninguém. Eu sou homem, sou pessoa, eu tenho cabeça pra poder perceber tudo. Existe Justiça pra poder defender gente grande. Nunca pode defender gente pobre. Quem já pagou por hororo? Foram 5 baleados, até padre morreu junto. Quem já prendeu esse cara? Ninguém vai prender nada. Alguém tá soltando dinheiro.

Broecke — Assim você chega à conclusão que o Governo só está defendendo os ricos.

Juruna — E é mentira?

Broecke — Isso é mentira. Porque o Governo está pra defender o pobre e o rico. Todo mundo é igual.

Juruna — Então por que o pobre está sofrendo miséria, muito mais que o rico?

Broecke — Porque a quantidade de pobre é muito maior que a de rico. Só isso.

Índio radical

Ao levar essas reclamações ao funcionário, da ARP no Palácio do Planalto, este disse que Mário Juruna estava sendo "radical", que as obrigações da Funai com o índio são relativas; a missão maior é estimular a comunidade indígena a desenvolver seu trabalho, que a Funai não pode tomar para si as obrigações maiores, absolutas. Isso nem os cidadãos têm todas as condições que gostariam de ter.

Depois de comentar que o indígena "que está sendo jogado no lixo" é cidadão brasileiro, Mário Juruna disse que a ajuda ao índio é atribuição da Funai. "Eu falei com o diretor não sei de que, do DFC, do DGO, não sei o que. Isso me atrapalha tudo. A gente chega lá; pede isso, isso e isso. Ai ele diz: "Ah, não tenho verba. Isso não tem cabimento."

O funcionário da ARP alegou que não podia fazer nada mais do que levar o assunto ao seu superior: "Eu não tenho condições de garantir nada pessoalmente. Me dê seu nome. Eu vou anotar, vou registrar."